

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
7 e 11 de Julho de 2020  
E A VIDA CONTINUA

## IL VIGILE / 1960 O Herói da Cidade

*Um filme de Luigi Zampa*

*Argumento:* Rodolfo Sonego, Luigi Zampa, Ugo Guerra / *Imagem* (35 mm, preto & branco, formato 1x85): Leonida Barboni / *Direção artística:* Flavio Mogherini / *Cenários:* Emilio Andria / *Figurinos:* Vera Marzot / *Música:* Piero Umiliani / *Montagem:* Otello Colangeli / *Som (mono):* Raffaele del Monte, Biagio Fiorelli / *Interpretação:* Alberto Sordi (*Otello Celletti*), Vittorio De Sica (*o presidente da Câmara*), Sylva Koscina (*a própria*), Marisa Merlini (*Amalia Celletti, a mulher de Otello*), Franco di Trocchio (*o filho de Otello*), Carlo Pisacane (*o pai de Otello*), Mara Berni (*a amante do presidente da Câmara*), Nando Bruno (*o cunhado de Otello*), Lia Zopelli (*a mulher do presidente da Câmara*), Riccardo Garrone (*o tenente*), Rosita Pisano (*Lisa, a criada da amante do presidente da câmara*), Mario Passante (*o comendador Marinetti*), Piera Arico (*a irmã de Otello*), Mario Riva (*o próprio*), Mario Scaccia (*o advogado da defesa*), Vincenzo Talarico (*o orador monárquico*), Nerio Bernardi (*o sacerdote*), e outros.

*Produção:* Guido Giambartolone, para Cineriz (Roma) / *Cópia:* da Cineteca Nazionale (Roma), 35 mm, versão original com legendas eletrônicas em português / *Duração:* 107 minutos / *Estreia mundial:* Roma, 17 de Novembro de 1960 / *Estreia em Portugal:* data não identificada / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

\*\*\*\*\*

Filme um tanto esquecido de um realizador um tanto esquecido, embora Luigi Zampa tenha atravessado quarenta anos do cinema italiano e abordado vários géneros e também apesar da presença de Alberto Sordi, então no auge da fama, **Il Vigile** é uma agradável surpresa para aqueles que o descobrem. É um exemplo típico da chamada *comédia italiana*, que a partir de meados dos anos 50 substituiu paulatinamente o neo-realismo, nascido das ruínas físicas e políticas de um país que emergia de mais de vinte anos das imposturas do regime fascista e de quase seis anos de guerra, em duas frentes, externa e interna. Cerca de dez anos depois do fim desta guerra, a escola neo-realista deixara de fazer muito sentido numa Itália que se reconstruía e tornava-se próspera, descobrindo a sociedade de consumo. Os filmes realizados neste período que ainda obedeciam aos cânones ou aos temas do neo-realismo eram anacrónicos e artificiais (**La Ciociara**, de De Sica, realizado no mesmo ano que **Il Vigile**, é um exemplo extremo deste anacronismo). Do ponto de vista ético, pode-se considerar que a *comédia italiana* foi um retrocesso em relação ao neo-realismo, que Pier Paolo Pasolini definiu como “*o primeiro ato de consciência crítica do cinema italiano*”, ao passo que estas comédias são abertamente complacentes com as fraquezas, insuficiências e hipocrisias da sociedade italiana. É interessante saber, como indício da convergência entre estas comédias e a sociedade italiana, que o argumento do filme de Luigi Zampa teve como ponto de partida um *fait divers* ocorrido em Julho de 1959 (apenas um ano e meio antes da estreia do filme), quando um polícia zeloso multou, em Roma, um alto funcionário que fizera uma ultrapassagem num sítio proibido. O alto funcionário começou por se indignar por não ter sido reconhecido, para depois argumentar que a ultrapassagem que fizera não era uma infração, pois não constituía perigo algum, posto que, devido à sua destreza ao volante, nenhum acidente ocorrera... Como no filme de Zampa, o rigor moral do guarda de trânsito foi artificialmente desmontado, num escandaloso exemplo de justiça de classe, quando ficou provado por diversos *oronevoli* que a irmã dele exercia a mais antiga profissão do mundo em Milão, o que, na prática, foi considerado um argumento válido de defesa do alto funcionário. Num círculo vicioso sobre a hipocrisia que cerca toda esta história, **Il Vigile** sofreu dois cortes de censura: uma cena em que a amante do presidente da Câmara está ao telefone, seminua na cama, por “*ofensa à moral*” e um diálogo entre a mulher do protagonista e o seu filho em que ela diz: “*É melhor que te acostumes de pequeno à injustiça, porque quando fores adulto já não conseguirás habituar-te*”.

Antítese de um Totò, que emerge das profundezas da cultura sub-proletária, Alberto Sordi tornou-se o (anti)herói mais característico das *comédias italianas* dos anos 50, 60 e 70, que são sobretudo

à italiana. Espertalhão, mentiroso e preguiçoso, miseravelmente poltrão diante do menor perigo, inimigo do trabalho mas destro na *trufa* (a fraude) praticada com um sorriso, cheio de lábia e tão infantilmente cínico que suscita indulgência, o Sordi das telas de cinema passou a ser considerado como a encarnação cinematográfica absoluta do italiano médio, tanto mais que, como a maioria dos homens deste mundo, o ator nada tinha de um galã. Como os grandes atores cómicos do período mudo, Sordi faz sempre o mesmo papel, o dele próprio, que a cada vez exerce uma profissão diferente, quando exerce alguma. Em **Il Vigile**, este homem sem profissão, consegue por mérito alheio (o seu filho salvara do afogamento o filho de um funcionário) e por insistência própria, ser nomeado guarda de trânsito numa pequena cidade sem nome, nas cercanias de Roma, uma cidade qualquer. O simples facto de Alberto Sordi, encarnação do aldrabão, fazer o papel de um membro da polícia, ainda que modesto guarda de trânsito, já suscita um efeito cómico. O papel de presidente da câmara foi confiado a De Sica, um ator dotado de muitos mais recursos do que Sordi (inclusive no domínio cómico) e Zampa trabalha com muita habilidade o contraste entre os dois atores, ciente de que as diferenças são poucas entre os seus personagens, que passam da cumplicidade à inimizade, antes de voltarem a uma nova cumplicidade, baseada nas realidades do mundo. Em meio a alguns elementos não muito discretos de *merchandising* (para uma marca de bebidas e uma rede de postos de gasolina), o argumento do filme, muito bem concebido e cosido à mão por competentes profissionais, faz com que a narrativa não descambe nunca para a demonstração de uma tese, o que seria totalmente descabido numa comédia. Além do presidente da câmara, surgem outras figuras emblemáticas da autoridade pública, como um sacerdote e um comandante da polícia, porém como simples coadjuvantes. Uma das boas ideias do argumento, que passará despercebida a muitos espectadores (e, neste caso, é exatamente isto que faz com que seja uma boa ideia) é que a partir do momento em que o protagonista entra para a polícia está permanentemente fardado, esteja onde estiver, o que faz da farda um misto de fantasia de carnaval e máscara de uma falsa identidade. Só voltamos a vê-lo sem farda quando ele ultrapassa os limites da sua verdadeira autoridade e é punido. Numa passagem realizada com grande destreza e um ritmo absolutamente perfeito, nitidamente reminescente do cinema burlesco (poderia haver uma cena idêntica num filme de Chaplin ou Buster Keaton), ao assumir o comando do trânsito, com ares teatrais (será uma alfinetada aos trejeitos de Benito Mussolini, ainda não muito distantes para os italianos em 1960?), o personagem de Sordi acaba por provocar um inextricável engarrafamento, provando que não é necessário pôr ordem naquilo que se organiza sozinho, que funciona pelo bom senso geral e não devido a regras estritas. Não menos cómica é a situação do presidente da câmara, que aproveita uma folga de duas horas no trabalho para ter um veloz encontro sexual com a amante, que acaba por ser gorado devido à intervenção do polícia (“*Faço-te uma camomila?*”, pergunta ela à guisa de consolo). Os argumentistas dão-se inclusive ao luxo de fazerem pequenas incursões irónicas, talvez *private jokes*, que desviam a história do seu curso principal. Primeiro, com a aparição, no seu próprio papel, de Sylva Koscina, futura sedutora de *peplums*, aqui muito recatada e bem vestida, cuja presença suscita uma hilariante réplica: “*É sempre uma questão de talhante*”, diz a propósito dela o cunhado do protagonista, que tem um talho clandestino (*pezzo di carne*, posta de carne, era a expressão usada em Itália para designar as atrizes com proeminentes protuberâncias que eram figuras indispensáveis nos *peplums*). Mais tarde, em contraste com a alegre presença de Koscina, há o pomposo discurso de uma advogado monárquico, num país no qual a monarquia era tão anacrónica que o pretendente ao trono e a sua família nem sequer podiam pisar no país. Estes pormenores dão ainda mais sabor ao percurso narrativo e tudo termina exatamente no ponto onde tudo se partira, num filme cujo argumento põe tudo no lugar certo e no momento certo, mas que vive, palpita e faz efeito graças à discreta destreza da *mise en scène* de Luigi Zampa.

Antonio Rodrigues